

Cida Almeida

EU SOU A LUZ DO MUNDO

*Uma análise a partir das etapas
redacionais do Quarto Evangelho*



Sumário

Agradecimento	7
Prefácio	11
Siglas e abreviaturas	15
Outras abreviaturas e siglas	17
Introdução	19
Capítulo 1. Profeta na Literatura Bíblica	25
1.1. INTRODUÇÃO	25
1.2. O SURGIMENTO DO PROFETA	25
1.3. VOCAÇÃO PROFÉTICA	34
1.4. PROFETA NO ANTIGO TESTAMENTO	37
1.5. DO SILÊNCIO PROFÉTICO À LITERATURA APOCALÍPTICA	40
1.6. PROFETA NA LITERATURA APOCALÍPTICA	44
1.7. PROFETA NO NOVO TESTAMENTO	63
1.8. CONCLUSÃO	80
Capítulo II. Luz na literatura bíblica	85
2.1. INTRODUÇÃO	85
2.2. LUZ NO QUARTO EVANGELHO	85
2.3. LUZ DO ANTIGO AO NOVO TESTAMENTO	95

Capítulo III. Narrativa da cura do cego de nascença	117
3.1. INTRODUÇÃO	117
3.2. EXEGESE DA NARRATIVA DA CURA DO CEGO DE NASCENÇA (Jo 9-41)	124
3.3. CONCLUSÃO	185
Capítulo IV. Eu sou a luz do mundo	189
4.1. INTRODUÇÃO	189
4.2. ETAPAS REDACIONAIS DO QUARTO EVANGELHO	190
Considerações finais	243
Referências	247

Agradecimento

Deus, obrigada! Obrigada, por me mostrar o lado bom da vida, e por me mostrar o lado difícil também. Pois, foi no momento difícil que descobri o quanto sou forte e o quanto preciso de ti; foi no momento de escuridão que encontrei a tua luz; foi quando me faltou a visão que te enxerguei de fato; foram as pedras do caminho que me fortaleceram os pés; daquela menininha pequena e frágil, desde o nascimento, nasceu uma mulher que não desanimou frente aos muitos não que a vida lhe proporcionou.

Deus, obrigada! Obrigada, pela minha família, que é a base do que sou e que me acompanha para onde vou. Especialmente, à minha filha, que é um incentivo diário.

Deus, obrigada! Obrigada, por colocar tantas pessoas na minha vida, algumas apenas passaram por um breve instante; outras ficaram por longo tempo; outras ainda permanecem. Todas elas foram como que professores, me ajudaram a evoluir como ser humano.

Deus, obrigada! Obrigada, pela Igreja Presbiteriana Unida do Brasil, que acolheu minha vocação como Pastora; à Igreja Presbiteriana Unida do Jardim Califórnia de Indaiatuba, onde exerço o meu Ministério; ao Pr. Dr. Francisco Leite, pela apresentação do livro; ao Pe. Dr. Mariano Weizenmann, pela quarta capa e à editora Saber Criativo, pela publicação desse livro.

Maria Aparecida de Andrade Almeida

Eu sou a luz do Mundo;
quem me segue não andará nas
trevas, mas terá a luz da vida.

Jo 8,12

Prefácio

No livro que agora você tem em mãos, intitulado *Eu sou a Luz do Mundo*, a Rev^a Dr^a Maria Aparecida de Andrade Almeida – chamada carinhosamente pelos colegas e eclesianos de pastora Cida – apresenta-nos a história de uma das muitas tramas que compõe o Evangelho conforme João, no caso, a pesquisa se dedica a investigar o desenvolvimento da categoria “profeta” à categoria “luz”, ambas atribuídas a Jesus, de acordo com o modo como a comunidade joanina o acolheu ao longo de sua história eclesíastica.

O trabalho da pastora Cida se aprofunda no significado que o termo “profeta” teve no Mundo Antigo, especialmente na cultura judaica, desde as tradições do Antigo Israel até chegar na época de Jesus, sem ignorar a relevância que a literatura não canônica teve nesse contexto histórico-social. Também a categoria “luz” é explorada em sua profundidade simbólica na literatura bíblica e extrabíblica, e assim, por meio dessas duas etapas preliminares do estudo, forma-se a base para a exegese da “Narrativa da cura do cego de nascença” (Jo 9,1-41), que revela a já mencionada trajetória de Jesus, que passa de profeta à luz, ao longo das etapas históricas do desenvolvimento da comunidade joanina.

De acordo como o que a pastora Cida nos mostra, a “Narrativa da cura do cego de nascença” (Jo 9,1-41) tem um efeito metalinguístico para os leitores do evangelho conforme João, porque a cegueira e a visão das personagens jogam com seus leitores implícitos, levando-lhes a se questionar se enxergam ou não a verdade, que na concepção grega [*aletheia*] é “aquilo que não pode ser escondido”; do mesmo

modo, o livro *Eu sou a Luz do Mundo* produz o mesmo efeito para seus leitores e nos leva a nos questionar: – Será que somos cegos que enxergam ou pessoas que apesar da boa visão são cegas?

Para responder essa pergunta à luz de nosso contexto devemos nos colocar na narrativa que foi investigada pela pastora Cida. Nós somos como os fariseus ou como o jovem? Nós somos os que excluem ou os que correm o risco de ser excluídos da comunidade? Nós apontamos o dedo para a pessoa carente e a vemos como alguém “cheio de pecados” ou a vemos como a quem é oportuno que “se manifestem as obras de Deus”? Você está em trevas e cegueira ou na luz e possui visão? O evangelho lhe inquire a estar de um dos dois lados, sem meio termo. Se suas obras são luz, você está de um lado, se suas obras são trevas, você está de outro.

Pela oportunidade de fazer esse prefácio, agradeço muitíssimo à Dra. Maria Aparecida, amiga querida, a quem tive a oportunidade de conhecer primeiramente como pesquisadora comprometida com a exegese no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo e depois como pastora comprometida com seu rebanho que se reúne na cidade de Indaiatuba (Igreja Presbiteriana Unida Jardim Califórnia) e com os ideais da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil, pelos quais lutamos juntos para defender em um contexto em que nos sentimos semelhantes aos membros da comunidade joanina, cercados por um mundo hostil, de trevas, cegueira, violência e opressão simbólica. Apesar disso, como crentes em Cristo, confiamos que as “trevas não prevalecerão”!

Como seu amigo pessoal, sei que esse livro é mais do que uma pesquisa acadêmica – embora se fosse só isso já seria muita coisa. *Eu sou a Luz do Mundo* é também um retrato da história de sua vida, desde a infância no interior de Minas Gerais, passando, entre outras coisas, pelas dificuldades que teve para reivindicar seu pastorado

num mundo eclesiástico machista até chegar ao momento presente desafiador que se deslinda como *eschatón*.

— Cara irmã Cida, que a luz de Cristo, profeta e messias, sempre ilumine sua vida e caminhada!

Rev. Dr. Francisco Leite
Moderador na Igreja Presbiteriana Unida

Siglas e abreviaturas

AT	Antigo Testamento
Bib	Bíblica
NCCN	Narrativa da cura do cego de nascença
CJ	Comunidade joanina
CM	Coleção de Milagres
E1	Primeira redação do Quarto Evangelho
E2	Segunda redação do Quarto Evangelho
E3	Terceira redação do Quarto Evangelho
Est	Bib Estudos Bíblicos
EvS	Evangelhos sinóticos
1Hen	Henoc
LJ	Literatura joanina
LXX	Modo latino de escrever 70, número redondo usado para a tradução grega do AT (Septuaginta)
MMM	Manuscritos do Mar Morto (Qumran)
M	Grutas de Murabba`at
MQ	Rolo do templo 1QM <i>Milhamah</i> (Rolo da Guerra)
1QP	<i>Pesher de Habacuc</i>
1QS	<i>Serek HaYabad</i> (Regras da comunidade)

NCCN	Narrativa da Cura do Cego de Nascimento
NT	Novo Testamento
QE	Quarto Evangelho
RevBib	Revista Bíblica
RevCult	TeolRevista de Cultura Teológica
RP	Relato da Paixão
RIBLA	Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana
SBL	Society of Biblical Literature
TB	Tradição Básica do Quarto Evangelho
TEB	Tradução Ecumênica da Bíblia

Outras abreviaturas e siglas

a.C.	Antes de Cristo
cap.	Capítulo(s)
d.C.	Depois de Cristo
n.	Número
p.	Página
s, sse	Seguinte(s)
v. (vv.)	Versículo, versículos
vol.	Volume

Introdução

Eu nasci num pé de serra chamado Macuco, numa fazenda distante da cidade, no interior de Minas Gerais. Aos cinco anos de idade fui morar na cidade com minha vovó Kilocho e com ela, aprendi a dar os primeiros passos pelos caminhos da Bíblia. Todo sábado íamos visitar meus pais, que continuaram morando na fazenda. Saíamos as quatro horas da manhã, quando ainda era noite. O caminho era difícil e muito pedregoso. Ia reclamando porque as pedras machucavam os meus pés e queria sempre voltar. Mas, para me animar, minha avó cantava, contava estórias, rezava, e às vezes, tirava uma pedra do caminho, jogava longe e falava: “Agora tem uma pedra a menos no seu caminho; levante a cabeça; não olhe para o chão, porque só vai enxergar as pedras; olhe sempre para o horizonte, porque é lá que você quer chegar; quem abaixa a cabeça não vai longe”. Assim, continuávamos andando. No despontar do dia, no alto da montanha, minha avó parava para admirar o nascer do sol, que ela amava, e me dizia: “Deus deu o sol para iluminar o mundo e Jesus para iluminar a nossa vida”. Eu não entendia nada do que ela dizia e nem sabia quem era Jesus, mas gostava das palavras. Repetiu isso tantas vezes, que acabou ficando na minha memória. Talvez, os ensinamentos deixados por ela, ainda na infância, tenham me impulsionado a continuar olhando firme para o horizonte, a amar a luz do mundo, e a não me deter com as pedras do caminho, que muito machucaram os meus pés.

Só fui começar a compreender o que minha avó dizia aos treze anos de idade, quando li o Quarto Evangelho pela primeira vez e me

deparei com esta citação: “Eu sou a luz do Mundo; quem me segue não andar  nas trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8,12). Daí para frente, foquei em um dia fazer Teologia; primeiro, para entender o porquê de Jesus dizer que   a luz do mundo somente no evangelho de João, e segundo, porque pareceu ser uma missão dada a mim pela minha avó. Com ela, descobri minha voca o.

Somente aos vinte e nove anos consegui chegar a uma faculdade de Teologia, em Taubaté. Estudei Teologia com o cora o apaixonado, aproveitando cada aula dada. Escolhi como síntese teológica: “*Jesus Cristo: O Caminho da Luz*” (ALMEIDA, 2005). Depois veio o mestrado, com a disserta o que abordou o tema: “*Eu Sou a luz do Mundo: Um estudo do significado do termo luz em Jo 9,1-41*”, como janela para uma investiga o mais ampla sobre o universo literário, imagético e político-ecclesial representado pela confluência da literatura joanina can nica e a gama de aplica es da linguagem figurada de *luz* nos escritos do Antigo e do Novo Testamento, e, na literatura extra-can nica (ALMEIDA, 2008). Tal pesquisa, embora limitada em alguns aspectos, permitiu-nos o contato com a vasta literatura joanina e uma breve incursão na história da pesquisa moderna sobre o Quarto Evangelho, bem como a experiência de se trabalhar com um texto grego. Na disserta o constatamos que o Quarto Evangelho foi literariamente “produzido” passando por algumas etapas redacionais, isto  , foi um longo e complexo processo redacional até chegar ao texto que hoje temos.

A partir das etapas redacionais, percebe-se que no Quarto Evangelho, ora Jesus   qualificado por meio de algumas categorias: Cordeiro de Deus (Jo 1,29), Rabi/Mestre (Jo 1,38), Messias (Jo 1,41), Filho de José (Jo 1,45), Filho de Deus (Jo 1,49a), Rei de Israel (Jo 1,49b), Profeta (Jo 4,19), Cristo (Jo 4,29), Salvador do Mundo (Jo 4,39), Senhor (Jo 4,49); ora ele mesmo se qualifica: Filho do Homem (Jo 1,51), Eu Sou o Pão da vida (Jo 6,35), Eu

Sou a luz do mundo (Jo 8.12), Eu Sou a porta das ovelhas (Jo 10.7), Eu Sou o bom Pastor (Jo 10.11), Eu Sou a ressurreição (Jo 11.25), Eu Sou o caminho, a verdade e a vida (Jo 14.6) e Eu Sou a videira verdadeira (Jo 15.1). A partir dessa constatação e para dar conta da bela engenharia narrativa que é o Quarto Evangelho surgiu o tema da tese de doutorado: “*Profeta e Luz: Categorias intercambiáveis para consolidar a identidade de Jesus na literatura joanina*” (ALMEIDA, 2013).

Caro leitor/a, este livro, que agora apresento para você, é fruto dessa longa caminhada acadêmica, é a Síntese Teológica, o Mestrado e o Doutorado, revistos, atualizados e transformados numa linguagem que mesmo quem não é especialista na área poderá ler e transitar com tranquilidade pelo universo literário que é a comunidade joanina, que produziu o evangelho de João, também chamado de Quarto Evangelho.

No primeiro capítulo analisamos o desenvolvimento da categoria *profeta* na literatura bíblica. Partindo da etimologia da palavra *profeta*, passando pela vocação do profeta, o profeta no Antigo Testamento, o silêncio profético, o profeta na Apocalíptica judaica e seus expoentes até chegar ao Novo Testamento, no qual aparece um conflito em torno da identidade de Jesus, que segundo alguns é um profeta. Uma vez, que o profeta no Novo Testamento é um mediador da mensagem oral ou escrita recebida de fontes divinas foi necessário adentrarmos nesta categoria para percebermos as mudanças que esta foi sofrendo ao longo do Novo Testamento, mais precisamente no Quarto Evangelho.

Sabendo-se que *luz* é uma categoria importante, o objetivo do segundo capítulo foi analisar a categoria *luz* no Quarto Evangelho e em outros livros canônicos, do Antigo ao Novo Testamento. O dito de Jesus *Eu Sou a luz do mundo* (Jo 8,12; 9,5) em relação ao contexto literário imediato do Quarto Evangelho, por um lado, e sua ampla atestação por outras fontes canônicas, fez-nos ver sua importância para a pesquisa da tradição de Jesus. Buscamos apontar convergências

e divergências no uso da categoria *luz*, a fim de compreendermos o universo teológico e simbólico com o qual a comunidade joanina lida.

Para tanto, fez-se necessário um aprofundamento das categorias *profeta* e *luz* antes de adentrar na exegese. O terceiro capítulo traz a exegese da Narrativa da cura do cego de nascença (Jo 9,1-41), a única da literatura joanina em que as categorias *profeta* e *luz* aparecem juntas. Essa narrativa dramática mostra um grande conflito entre os fariseus/judeus e Jesus a partir da cura de um cego de nascença. O conflito causado pela afirmação do ex-cego de que Jesus é um *profeta* e a declaração de Jesus que se autorrevela como *luz* constroem um marco identitário. Nessa perícopes percebe-se que há uma troca, uma permuta, enfim, uma intercambialidade entre as categorias *profeta* e *luz* e estas assumem papéis que descrevem Jesus em dois tempos diferentes: primeiro, o tempo em que a comunidade joanina olha para o passado e relê Jesus através de seus sinais; e segundo, na experiência de conflito interna e externa vivida pela comunidade joanina depois do Concílio de Jamnia, no final do século I.

No quarto capítulo analisamos o longo processo redacional pelo qual passou o Quarto Evangelho para mostrar a intercambialidade entre as categorias *profeta* e *luz*. Percebemos que o redator/comunidade do Quarto Evangelho se utiliza de algumas “artimanhas” narrativas para consolidar e criar a identidade da comunidade joanina. Notamos que, de fato, transparece um contexto hostil e conflitivo entre as autoridades judaicas e a comunidade joanina. Tanto o cristianismo primitivo, quanto o judaísmo neste período não eram uma realidade unitária. Ao lado do judaísmo ortodoxo coexistia também o heterodoxo. Por isso, pode-se dizer que no Quarto Evangelho aparece uma comunidade marcada por forte dualismo expresso através de oposições, tais como: mundo de cima/mundo de baixo, dia/noite, luz/trevas, mentira/verdade.

A grande pergunta que o Quarto Evangelho faz é: Quem é Jesus para a comunidade joanina? Ao responder esta pergunta, a comunidade joanina consolida a sua própria identidade. E, de fato, em particular, percebemos que a discussão com o judaísmo da época ocupa um lugar de destaque em todo o Quarto Evangelho, pois o conflito é pedagógico e muito útil para a sua interpretação e para se precisar exatamente os pontos polêmicos e formular a “nova” identidade de Jesus na literatura joanina.

Capítulo 1

PROFETA NA LITERATURA BÍBLICA

1.1. INTRODUÇÃO

O propósito deste capítulo é analisar o desenvolvimento da categoria *profeta* ao longo da literatura bíblica, até desembocar no Novo Testamento, onde aparece um conflito bastante acirrado em torno da identidade de Jesus, que segundo alguns é *profeta*. Esta categoria atribuída a Jesus passa por um longo processo de ressignificação no Novo Testamento, mais precisamente no Quarto Evangelho. No Novo Testamento, quando aparece referência ao *profeta* há impasses: os profetas são continuadores dos escritos proféticos veterotestamentários e sucessores dos antigos profetas? As referências ao *profeta* do Novo Testamento, propriamente ditos, são ligadas ao dom e à graça e advém de uma base cristológica de uma revelação/ chamado por Cristo? Como diferenciar o profeta do apóstolo no Novo Testamento? Quem é o profeta do Novo Testamento?

1.2. O SURGIMENTO DO PROFETA

Profeta é uma palavra que provém do grego (LXX) *prophētēs*. É um substantivo composto da raiz *phé* (dizer, proclamar, falar) e o prefixo *pro* (a favor de, ou diante de) – e do verbo *pherô* (dizer, trazer, carregar, produzir e estabelecer). O nome faz referência, portanto, à origem exterior ao sujeito – ele tem que ir buscar e trazer para outros. É também uma atividade pública, diante de ou em vez de. Sugere-se,

assim, o significado de “aquele que prediz”, “que conta de antemão” (FRIEDRICH, 1995, p. 783-784). É usada para traduzir a palavra hebraica *nabbi*, literalmente: porta-voz, orador, visionário, adivinho, alguém que fala alguma coisa, tomado pelo êxtase ou percebe com clarividência o significado de certas realidades ou sinais na perspectiva da divindade. Aparece no Antigo Testamento 309 vezes, das quais 92 somente no livro de Jeremias (PEISKER, 2000, p. 1879). É exatamente pela abundância de ocorrência que surgem os maiores problemas. Muitas vezes, essa categoria acaba sendo usada para as mais diversas pessoas, inclusive falsos profetas, que estão longe de serem “homens de Deus”. A função e o sentido de *nabbi* variam ao longo da história. O que prevalece é a de “comunicar a palavra de outra pessoa”, ou seja, derivando do verbo *pro-phemi*, significa: “falar diante de outro”, “falar em nome de” (RUSCONI, 2003, p. 400-401). Também é encontrado para designar profeta: *ro'eh* (vidente), *hozeh* (visionário) e “*is 'elohim* (homem de Deus):

Segundo José Luís Sicre, *ro'eh* (vidente) aparece somente 11 vezes nos textos bíblicos. Nas tradições anteriores ao exílio aparece 6 vezes, em 4 delas referindo-se a Samuel (1 Sm 9,9.11.18.19); 1 vez referindo-se ao sacerdote Sadoc (2Sm 15,27) e 1 vez referindo-se aos *ro'im* (videntes, Is 30,10). Além disso, o cronista emprega o termo 3 vezes para falar de Samuel (1Cr 9,22; 26,28; 29,29), e 2 vezes para Hanana, um personagem que denuncia o rei Asa de Judá e acaba na prisão (2Cr 16,7.10).

Os videntes aparecem em paralelismo com os visionários (*hozim*). Formam um grupo que, mediante suas visões e palavras, recorda ao povo a sua responsabilidade frente a Deus. Não parece que são pessoas que são consultadas para resolver pequenos problemas, como o das jumentas, mas sobre questões de sumo interesse para a nação. O povo gostaria que suas visões e palavras fossem lisonjeiras e falsas. Eles dizem a verdade, “colocam

diante do Santo de Israel”, ainda que provoquem as iras de seus concidadãos. Isaías vê o um paralelismo exato entre o seu destino pessoal e o destes personagens (SICRE, 2008, p. 74).

O título *hozeh* (visionário) aparece em 16 ocasiões, 10 delas em Crônicas, o que reduz o uso antigo a 6 casos. Em 2Sm 24,11 fala-se de “o profeta (*nabhi*) Gad, visionário do Rei”. É uma expressão bem curiosa, pois parece sugerir que a missão deste profeta era servir ao rei com suas visões. O cronista mantém este título, “visionário do rei”, aplicando a Emã (1Cr 25,5) e Iditum (2Cr 35,15), porém, isso não significa deduzir que o “visionário” seja um personagem da corte. Assim, o sacerdote Amasias denomina a Amós, quando lhe diz que volte a Judá (Am 7,12). Suas palavras não refletem muita estima por estes personagens, pois os vê como gente que ganha o pão com suas visões e palavras. O curioso é que esta avaliação negativa dos “visionários” é compartilhada por um texto profético (Mq 3,5-7). Dirigindo-se aos falsos profetas que extraviam o povo, menciona juntamente com os profetas (*nebi'im*), “visionários” (*hozim*) e adivinhos (*qosmim*). Todos eles se vendem pela melhor oferta e declaram guerra santa a quem não lhes dá dinheiro (SICRE, 2008, p.74).

Predomina, porém, a visão positiva destes personagens. Em Is 29,10 fala-se dos “visionários” em paralelismo com os “profetas” (*nebi'im*) como os órgãos que o povo de Judá dispõe para orientar-se corretamente. São os olhos que enxergam; a cabeça que governa. Provavelmente, estes dois termos, “visionários” e “profetas” foram acrescentados mais tarde como glosa explicativa. Mas o autor da glosa via estas pessoas como seres fundamentais para a sociedade. O maior castigo que Deus pode infligir ao povo é deixá-lo às cegas. A função concreta que desempenham fica mais explícita em Isaías 30,10 (SICRE, 2008, p. 77).

Já o título *'is 'elohim* (homem de Deus) é muito mais empregado que os anteriores. Aparece 76 vezes, sendo 55 delas nos livros dos Reis. A maioria das vezes aplica-se a um personagem conhecido: Eliseu (29x), Elias (7x), Moisés (6x), Samuel (4x), Davi (3x), Semeia (2x), Ben-Joanã (1x). Mas, também se aplica a personagens anônimos: o profeta que condena a Eli (1 Sm 2,27), o profeta do sul que denuncia Jeroboão I (17x em 1 Rs 13), e outros profetas (1 Rs 20,28; 2Cr 25,7.9). Numa época tardia, este título foi entendido em sentido honorífico, e aplicado a Moisés (Dt 33,1; Js 14,6; Sl 90,1; Es 3,2; 1Cr 23,14; 2Cr 30,16) e a Davi (2Cr 8,14). Nesse sentido, esse título era bastante usado e por variada classe de pessoa: Samuel foi aplicado pelo criado de Saul, por Saul e pelo narrador; a Elias, pela viúva (1Rs 17,18.24), pelos oficiais de Ocozias (2Rs 1,9.11.13), e o próprio Elias emprega o título a si (2Rs 1,10.12); a Eliseu o termo é aplicado pela mulher estéril (2Rs 4,9.16.22), por um da comunidade dos profetas (2Rs 4,40), pelo porteiro do rei da Síria (2Rs 8,7), por Benadad (2Rs 8,8) e pelo narrador em numerosas ocasiões (2Rs 4,7.21.25.25.27.27.42; 5,8.14.15.20; 6,6.9.10.15; 7,2.17.18.19; 8,2.4.11; 13,19) (SICRE, 2008, p. 78-79).

Por que esse título “homem de Deus” era o preferido para referir-se a estas pessoas? O que motiva o uso do título “homem de Deus”?

Sicre afirma que o homem de Deus possui uma relação tão estreita com o Senhor que pode operar os maiores milagres. Não é a palavra que anuncia o futuro ou exige uma mudança do presente, mas a palavra poderosa que torna inesgotável o cântaro de farinha e o vaso de óleo. Além disso, ressuscita os mortos e desencadeia o raio. Por isso, quando a viúva de Serepta se dirige a Elias, depois do primeiro milagre, chama-o de “homem de Deus”. E, quando ressuscita seu filho, afirma ainda mais convicta: “Agora reconheço que és um homem de Deus e que se cumpre a palavra do Senhor, que tu pronuncias!” (1Rs 17,24) (SICRE, 2008, p. 79).